

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR
CARLOS MALHEIRO DAS
DIRECTOR ARTISTICO
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA BRAGA

Redacção, Adminis-
tração e Officinas de
Composição e Im-
pressão

Rua Formosa, 43-LISBOA



A DESCENDENCIA DO CARDEAL RUFO

Assignatura da «Ilustração Portuguesa» para Portugal, colónias e Hespanha:	Por anno	4\$800 réis
	» semestre	2\$400 »
	» trimestre	4\$200 »
Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Ilustração Portuguesa» Portugal, colónias e Hespanha	Por anno	8\$000 réis
	» semestre	4\$000 »
	» trimestre	2\$000 »
	» mez (em Lisboa)	700 »

CASALTI PAPIERES
 CASTALTI
 ARTIADOPRES ESTOFADOPRES
 PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 38 - LISBOA
 TELEPH. 1346
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO (CASTALI)



A phosphatina Falières
 desmamamento e durante o período do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos. Impede a diarreia tão frequente nas crianças.

é o alimento mais agradável e recomendado para as crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente na época do
Paris, 6, Avenue Victoria
 e em todas as PHARMACIAS e boas
 ***** MERCEARIAS *****

PELOS DO ROSTO
 Verrugas, kistos, signaes, nodos, calvite, ruga, etc. Cura *pad'ca!* com garantida medita, pelos processos de electricidade de Hinson. **Nem dor nem vestigio.** As crianças da provincia, e o Brazil e d'África podem se tratar **nas suas casas** com os apparatos electrodynamicos do dr. Hinson. **simplicissimos e infalliveis.** Pedir **colheto no Gabinete de Electrolisis, P. Luiz de Camões, 36. 1.º fr. n.º.** A directora vai tambem ao domicilio.

BICYCLETAS
 Marca Inglesa, as mais solidas e elegantes desde 2\$500 rs. Bicycletas **Simplex, Humber, H. S. A.** ultimos modelos, Bicycletas Inglesas **Radford**, modelo especialmente feito para a nossa casa, muito bonita, propria para aluguel, com quadro de forjado, aros nickelados, roda livre, guardanetas e 2 travões, preço **32\$000 réis.** Enorme



sortimento de accesorios, tais com: protectores Continental, Dunlop, Conventry, Canaras d'ar, Bussinas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preço barattissimo. **GRANDE DEPOSITO** das melhores machinas falantes, o unico **Simplex** dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. **CASA SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. Rua do Soccorro, 48 e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA. J. CASTELO BRANCO**

Agencia de Viagens  **R. Bella da Rainha, 8-LISBOA**

ERNST GEORGE
 SUCCESSORES

Venda de bilhetos de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens e roulorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
 Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte
 Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

Viagens baratissimas á **TERRA SANTA**

BAUME BENGUÉ
 Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS
 Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Melo seculo de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do Dr Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
 A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



WAGNER

EM S. CARLOS

IV. CREPUSCULO DOS DEUSES

A ÚLTIMA JORNADA DA TETRALOGIA—A SIGNIFICAÇÃO DO DRAMA—O AMOR E O OIRO—A OBRA MUSICAL

Brünnilda foi libertada pelo heroe filho de Siegmundo e Sieglinda; mas sobre o destino de Siegfried cae agora todo o peso da maldição do anel. Alberich, o gnomo hediondo, ainda não cessou de cubiçal-o, e pela sua causa combate agora Hagen, seu filho, que o rei dos deuses, no auge da colera, elegeu para herdeiro do mundo. Siegfried, ardendo em impetos de mocidade e de heroísmo, parte, em busca de novas aventuras, deixando Brünnilda na posse do anel—o que equivale a dizer, sob o imperio da maldição implacavel—e vae ter á côrte do rei Gunther, que reina juntamente com seu irmão bastardo Hagen, o filho ilegítimo de Grimhilda e de Alberich. Gunther é bondoso, mas dominado pelo irmão, que incute no seu espirito debil as idéas sinistras do mal e da vingança. Hagen conta-lhe a existencia de Brünnilda, enaltece a sedução dos seus encantos, e logo elle começa desejando a virgem que o filho de Alberich se abstem de contar-lhe ter sido já libertada pelo heroe protegido da raça decadente dos deuses. Gutruna, irmã de Gunther, offerece a Siegfried uma bebida magica



Principaes motivos do *Crepusculo dos Deuses*: 1—Brünnilda; 2—Amor herotico

No *Crepusculo dos deuses*—Brünnilda.

que desde logo faz desaparecer do espirito do heroe a memoria de tudo que lhe era caro e, assim, por ella, o libertador de Brünnilda se apaixonou, sem mais se lembrar da Walkyria abandonada. Então, em troca da posse de Gutruna, Siegfried promete ir conquistar Brünnilda para Gunther e, servindo-se pela primeira vez do poder do elmo de Alberich, toma a fôrma do irmão da sua nova amada, vae ao encontro de Brünnilda, do-



Ottile da Costa Fellock, mezzosoprano



Hugo Pruvno

No Crepúsculo dos deuses—As tres Nornas fiando o cabo do destino

no tudo contaram, tira o anel do dedo do heroe e arremessa-o ás aguas. Accende-se uma fogueira para Siegfried e para ella.

Brünnilda, montando no seu cavallo Grane, precipita-se nas chammas. As ondas do rio inundam a margem, submergem a fogueira.



«Oh vós, seres que conservaes a seiva da vida, fixae bem o que vos digo! Quando tiverdes visto o fogo devorar Siegfried e Brunnilda, qando as filhas do Rheno reconduzirem o oiro para o abysmo, então, na escuridão da noite, olhae para o norte. Se, lá longe, o ceu se illuminar com estranhas claridades, ficae sabendo que contemples o fim do Walhall.

«Tal como a nuvem de fumo, que se dissipa, a raça dos deuses passou. Deixo o mundo sem guia. Mas lego-lhe o mais sagrado thesoiro do meu saber: Nem bem, nem oiro, nem esplendor divino, nem magnificencia senhorial, nem a mentirosa tyrannia dos pactos obscuros, nem a dura lei das con-



3—Hagen; 4—O philtro magico
5—O assassino; 6—A alegria de Hagen; 7—O juramento (*Defeza a Brunnilda, avoa sagrada!*); 8—O pacto de vinganca; 9—A alegria das Nymphas; 10—A redempção do amor

1—Lisel Stolz
2 e 3—Ludwig Fraenkel
4—Dolly Sauer

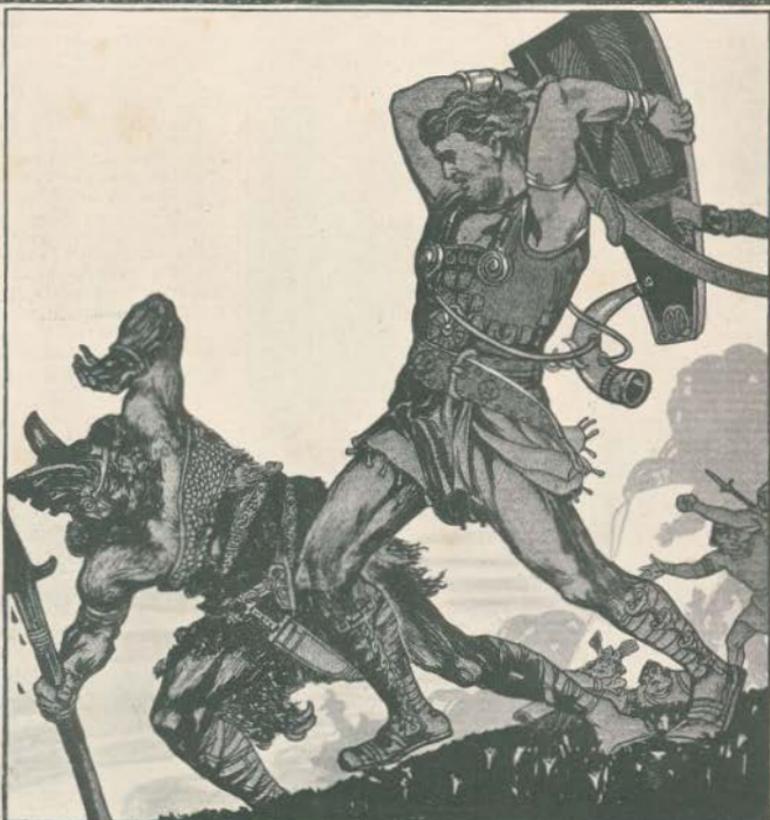


Hagen precipita-se no Rheno, tentando um derradeiro esforço, mas as nymphas, enlaçando-o, afundam-no nas aguas. Vê-se no ceu um clarão semelhante a uma auro-ra boreal; é o reflexo das cham-mas que devoram o Walhall, consumindo para todo o sempre os deuses e os seus heroes.



Ha no poema do *Crepusculo dos deuses* duas estrophes que Wagner não pôz em musica e que não obstante são d'uma capital importancia para a comprehensão de todo o drama. N'essas estrophes, Brunnilda, depois de ter restituído ao Rheno o thesoiro maldito, exclama:





No *Crepúsculo dos deuses*—A luta entre Guthrie e Hagen

venções hypocritas dão a felicidade. Para serdes felizes, na alegria como no sofrimento, fazei reinar apenas—o amor.»

Essas palavras de Brünnilda definem toda a philosophia do drama formidável que o genio de Wagner ergueu á cathogoria das mais bellas coisas que a arte de todos os tempos nos tem dado. E' a lucta entre o elemento ideal e o elemento sensual, taes como, na phrase de Goethe, se reúnem funestamente, como duas almas no peito do homem. Brünnilda, ao tempo que renuncia á vida terrestre para realisar nos dominios do

ideal a sua união eterna com Siegfried, redime o mundo, libertando-o da maldição do egoismo. O poder do oiro é vencido pelo poder mais alto e mais nobre do amor.

E, ajustando-se perfeitamente á acção dramatica, tal como de resto indicam os principios fundamentaes da sua arte, a musica de Wagner ora nos subjuga pela grandeza epica, ora nos seduz pelo encanto d'algumas das suas paginas brilhantes de sonoridade ou deliciosas de enternecida e dulcissima emoção.

PAULO OSORIO.

INDUSTRIA NACIONAL



A visita de Sua Magestade El Rei á nova fabrica de refinação da Companhia de Assucar de Moçambique, na Junqueira, realisada em 12 do corrente.
1—Chegada á fabrica. 2—No terraço da fabrica; o Rei com a sua comitiva e os directores da Companhia.
3—A visita ao estabelecimento, em que El-Rei foi acompanhado pelo sr. conselheiro Kessano Garcia

(Clichés de BENOISTE)

FIGURAS E FACTOS

LUIZ TRIGUEIROS.—Es-
criptor distinctissimo, a sua
novella *O Rouxinol dos
Alamos* vem collocado na
primeira fila dos novellistas
portuguezes da sua ge-
ração, destacando-o como
um dos raros escriptores
que ainda sabem o segredo
de sensibilisar corações.



REIS GOMES.—O distincto es-
criptor madeirense, sobretudo co-
nhecido pelos seus interessantis-
simos estudos sobre theatro, acaba
de publicar com o titulo de
«A Filha de Tristão das Damas»,
um romance em que faz reviver,
com notavel poder evocativo, a
vida dos inicios do seculo XVI,



**FERNANDO
MACHADO.**—O
ultimo concerto
do Conserva-
torio, promovido
pela Academia
de Amadores de
Musica, notabilisou-se pela re-
velação de um
violoncellista de
raro talento, o
sr. Fernando
Machado, que o
publico saudou
com calorosas
ovações na exe-
cução de trechos
de Godard e
Saint-Saens.



UMA ARTISTA BRAZILEIRA.—Os Ge-
raldos, que durante mezes cantaram no
Colyseu dos Recreios, partem esta se-
mana para o Brazil. A graciosa artista
incluiu no seu repertorio a celebre canção
da »Margarida vae á fonte», em cujo
trajo se fez photographar.



ENTRE CAPAS E BATINAS. IMPRESSÕES DE COIMBRA.



Logo que o comboio largou da estação de S. Bento e enfiou por um tunnel vasto, comecei a pensar seriamente nas talas em que me ia metter com essa viajata a Coimbra, para fazer «gramar» uma conferencia á chusma academica.

Deixem lá dizer, mas o caso tinha a sua gravidade, porque, afinal, estudantes são, e toda a vida foram, o diabo. Quando lhes dá para amaveis, são capazes de matar um homem a poder de gentilezas; mas tambem quando lhes puxa a veneta para o contrario, adeus, minhas encomendas!

Comecei, pois, a pensar — enquanto o comboio corria, com uma pressa de quem vae tirar o pae da força — ser o mais importante o entrar eu com os rapazes logo á chegada, fazendo com que elles não implicassem, á primeira vista, com esta cara de fuinha, que Deus me deu, e não se me dava trocar por outra.

Achei então que o ar mais conveniente a adoptar, para Coimbra, era o de trocista-mór, de pandego de mar-

ca, assim um geitão que afixasse com o d'elles, seguindo em tudo a recommendação do proverbio arabe: «Em Roma, sê romano».

Fui-me, pois, para a *toilette* do wagon estudar physionomias, arranjarsorrissos, ensaiar posições para um



1—A' porta terra

2—Ursos?!—fiz espantado...



dos meus chapéus de 2\$250 e toda a mais *mise-en-scène* de rigor, para o prologo da peça a representar entre capas e batinas.

O amigo que me dera umas tintas sobre a viagem, instruindo-me sobre as vantagens economicas de comprar bilhete de ida e volta, não levar bagagem despachada, etc., etc., dissera-me que devia eu saltar na estação de Coimbra Velha, para ahi tomar outro comboio com destino a Coimbra Nova.

Vae d'ahi, quando ao raiar das onze e coisas da manhã, dei com um letreiro de estação dizendo: *Coimbra B*, fiquei meio tramado da minha vida, por causa d'aquelle *B*, pouco comprehensivel. Tanto, porém, puxei pela mioleira, que afinal descobri a marosca e exclamei:— «Cá está... *B...* Belha... *Coimbra B...* Coimbra Belha... E' aqui que tenho de saltar».

E saltei. Saltei e tomei o outro comboio, quando elle quiz apparecer e que largou, pouco depois, sem pressa, pacatamente, como quem leva consigo um remedio que ha de pôr sã como um pero a sogra moribunda e detestada.

Logo á primeira estação— era Coimbra No-

va—distingui um bando de estudantes á *gare*, em attitude de quem espera o animal raro, a fera, o bicho do dia. Lésto, saltei para a plataforma, um pouco afflicto, porque a carga de malas, chapelleiras e mais coisas não me deixava ter o pretendido ar bastante estroina. Em todo o caso lá estavam o côco ás tres pancadas, mais derrubado sobre a orelha direita, e o sorriso de quem está convencido de que 3 vezes nove são 27 e quem mateu o cão foi o Baeta...

Um dos rapazes, grandão, moreno, bexigoso,—era o Sousa Costa, soube-o logo—adiantou-se e perguntou?

—E' o Baptista Coelho, pois não?

—Em osso...— respondi logo muito sincero, tão sincero que não disse em carne e osso, como é da praxe.

Logo o tal começou a apresentar-me a tropa toda.

—Apresento-lhe os meus colle gas... barará... barará... biriri... bóróró... bóróió... bururú... patatá... patatá... patali... pototó... pototó... pototó...— e digo assim, porque não cheguei mesmo a entender nome algum, tantos eram de mistura. Ouvia apenas resonancias.

A cada um dos apresentados fui logo dirigindo as amabilidades em uso na Cidade Nova, no Rio de Janeiro, n'essas alturas de apresentações entre pessoas que d'ahi a uma hora hão de ser intimas amigas:

—Olá, seu parente!

—Seu nosso amigo, toque!

—Ora viva, meu camaradã!

—Então, como é o jogo, seu compadre?—etc., etc.

Um d'elles ergueu um viva á minha pessoa e todos corresponderam. N'esse momento, a banda de musica não rompeu o hymno por não se achar presente e eu, notando que estavam todos em cabelo, pedi:

—Façam favor, cubram-se... Cubram-se—que não ha talha sem tampa...—sem

LUIZ DE CAMOES

«E lá recitei a *charge* montado no leão...»

me lembrar que os academicos por promessa, ou por economia, ou não sei lá porque, andam sempre sem chapeu.

Não se cobriram, pois, e conduziram-me ao hotel. Pelo caminho foram-me dando de vocencia, com uma tal prodigalidade que cheguei a escamar-me e de-clarei:

—Olhem lá... Ou vocês acabam com esses vocencias d'uma vez e dão-me de tu, ou temos o caldo entornado: viro nos pés, tomo o primeiro comboio e nunca mais me põem a vista em cima...

Accederam logo e a meio do almoço já me davam pançadinhas. Na altura dos brindes, então, já a coisa chegára ao delirio da intimidade, eramos já todos companheiros de infancia. O tal que dera o viva na estação, homem de uma garganta de ferro, era quem dava os hip, hip, hip... Isto é: elle hipava e os outros hurrahavam.

Graças a essa cordealidade estabelecida, durante a boia, a minha estada em Coimbra foi um encanto.

Na visita á Universidade tive o primeiro asombro logo á Porta Ferreira. Chamaram-me a attenção para um aviso que lá es-

tava affixado ao portal de cantaria e, acompanhado por uma turba enorme, li o seguinte:

Aviso

«Hoje á noite, no theatro circo do Principe Real, começarão as aulas do curso de *Namoro* regido por João Phoca. O bedel Godofredo, com a sua

barba hirsuta, marcará faltas a quem não comparecer.»

Lá dentro, no jardim, não menor pastmo me esperava e foi o de vêr dois homens crescidos, grandes, dois homens de verdade, a estudar. A estudar Deus do ceu, depois de homens, coisa que, no meu tempo, nem em criança se fazia!...

—São dois *ursos* — disseram-me. O Joyce, regente do Orpheon e o Lopes da Fonseca...

—Ursos?! — fiz espantado e como vi que eram claros ambos! — ursos brancos, por-

«Embrulhado n'um cobertor, de palmatoria na mão...»

tanto — approximei-me ansioso por perguntar-lhes se seriam das geleiras do Norte, de perto do pólo. Se fossem deviam por força conhecer parentes meus, que a família das Phocas é das mais importantes e numerosas d'aquellas regiões.

Deitei indagações. Não conheciam phocas d'essa família polar, mas sim umas outras, muito velhas, já comidas de traças, impressas no tempo em que se amarrava cachorro com linguça—as *phocas* que se acham guardadas na Bibliotheca da Universidade. E foram mostrar-me os grossos volumes que se chamam *phocas*.

Larguei os *ursos*. Era gente que me não servia, por demasiado estudiosa e pacata.

Com os outros corri a Universidade todinha e, á sahida, o bando ao mostrarme o monumento a Luiz de Camões, ali ao lado, impoz que recitasse eu a *charge* da primeira estrophe dos *Luziadas*, montado no leão do monumento, o celebre leão... incompleto, com certeza para justificar os versos gravados por baixo d'elle:



«Mais vale merceel-os sem os ter
Do que tel-os sem os merceer...»

Não pude furtarme á ordem e lá fiz a *charge* encarrapitado no leão que ar-

reganhava a dentuça, furioso com o desrespeito.

N'essa noite tive uma ceia no Frias em Santa Clara, ceia que acabou em guitarrada e fado batido, fado de que ainda me restam dôres n'um certo sitio. Foi a coisa que um dos da ceia jurára



1—«A Florinda! que quer ir ao Brazil... por terra...»
2—«... Andei a fazer *engaltes* com as lavadeiras do Choupal»

aos seus deuses que havia de bater o fado commigo.

Debalde lhe jurei que de fados nada sabia e quanto a bater, a não ser pratos de comida, não batia mais nada.

Ainda se fosse requebrar um maxixe!...

O homemsinho não se convenceu e, como o medico me havia dito que o não contrariasse, lá tive de ir para o meio da casa, muito duro, muito te-so, a esperar a batadella. As banzas gemiam, tangidas pelo Chico Menano e pelo Fernando Mattos, acompanhados á viola pelo Barbosa, e o ho-

da tive de metter-me em serenata.

Vieram dar-m'a uns camaradas, que seriam muito mais amaveis se fizessem a serenata de dia, com sol, e não a uma hora em que estar em val-de-lençoes sabe que é um gosto. Mas não tive remedio, sahi da cama, do quente e lá fui para a janella embrulhado no cobertor, de palmatoria em punho (ai que bolos de palmatoria lhes daria eu, se pudesse!) receber a cantada e mamar frio.

Depois, no dia seguinte, fui correr os arredores no automovel do Galaitas e



«Fui ao França Amado folhear atlas...»

memsinho, depois de uns passinhos do Manuel da Hora, tomou alturas e botou-se para cima de mim e me deu uma tal pancada acima dos joelhos que não estive com uma nem com duas: virei logo de catambrias e dei com os costados em terra, de sorte que o batido não foi o fado, fui eu...

Na noite seguinte a ceia foi nos Caçadores—logar mau para um Coelho. Mas não houve nada de maior. Apenas me baptisaram a champagne e ás 3 da madrugada, fazendo um frio p'ra burro, lá tive de ir lavar a cabeça, á bica do banheiro no hotel. A's quatro d'essa madrugada

jantar a Tentugal, um jantar de truz, servido pela Gloria—uma cachopa linda a valer, tão linda que justifica bem que haja por esse mundo fóra tanta gente que tudo sacrifique para alcançar a... Gloria.

Ao outro dia andei a fazer enquetes sobre a immortalidade da alma e a fragilidade dos cachimbos de barro, com as lavadeiras do Choupal.

Estavam pouco expansivas as lavadeiras, e apenas uma, a Florinda, uma guapa moçoila, falou um pouco mais, deu mais conversa e, enquanto ensaboavz um lenço de homem constipado, disse-me o



seu grande desejo de ir ao Brasil. O diacho era a tal viagem por mar, tinha um tal medo de enjoar, a rapariga!...

Prometti remediar o mal (o mal de mer, está claro) levando-a para a minha patria por terra...

Botei-me então logo para o França Amado a folhear atlas e compendios de geographia, a vér o meio de cumprir a promessa feita á Florinda...

Mas eram horas já do comboio que me havia de reconduzir ao Porto e lá botei para a gare: á pressa.

No *Sud-Express*, confortavelmente installado, dei balanço ao que trazia de Coimbra. Verifiquei o seguinte: alguns kilos menos de peso, um embrulho de arrufadas, uma constipação violentissima, o estomago arrazado e saudades — ai de mim! — fundas e immensas saudades da illusão em que vivi, durante quatro dias e meio, de ter quinze annos a menos no costado — no costado cuja medida deixei, graças ao

fado batido, no soalho da taverna do Frias, em Santa Clara...

BAPTISTA COELHO.
(João Phoca).

Nota da redacção

Ao mesmo tempo que tem inserido as impressões, tão cheias de vivacidade e ricas de pontos de vista originaes, de um escriptor portuguez, sobre o Brazil, a *Illustração Portuguesa*, no desejo de interessar sempre os seus leitores, vae inserindo tambem as impressões sobre Portugal dos escriptores brasileiros que ultimamente nos tem visitado, e uns e outros d'esses artigos não podem deixar de despertar a curiosidade dos nossos leitores de Portugal e do Brazil.

Cabe hoje a vez a Baptista Coelho, o humoristico jornalista tão afamado no

Rio de Janeiro, e tão conhecido com o seu pseudónimo de João Phoca, que novamente collabora nas nossas paginas com um segundo capitulo das suas notas de viagem. Depois de nos ter contado, em um alegre artigo que de certo ainda não estará esquecido, as sensações do seu desembarque e dos seus primeiros dias

de Lisboa, é a sua visita a Coimbra que elle nos refere agora, com o mais espontaneo bom humor e a franca alegria que caracterizam o feito jornalístico do nosso gracioso collega brasileiro.



Doas lindas tricasas

Na verdade, a lusa Athenas, com os estudantes, a sua ruidosa agitação juvenil, a sua vida de um certo sabor bohemio, não podia encontrar cronista mais apropriado do que esse galhofeiro prosador, cuja feição de espirito e cuja risonha concepção da vida tão bem se casam com esse caracter especial que offerece a cidade universitaria. E como os nossos leitores verão, o seu artigo é, por isso, uma flagrante *charge*, a que as photographias especialmente tiradas para a *Illustração Portuguesa* accrescem o interesse.

Coimbra monumental.

A igreja de Sant'Iago.

Coimbra não é só a cidade pittoresca das margens graciosas do Mondego, enflorada pelas lembranças poeticas da bella Ignez e pelas tradições risonhas dos estudantes: é tambem uma das nossas cidades mais ricas de antigos monumentos e particularmente curiosa e interessante pela persistencia, que ainda hoje mantém, de um certo ar medieval. O principe Lichnowsky, o perspicaz viajante prussiano, não deixou de accentuar este caracter, no seu livro de recordações de Portugal, quando em 1842 visitou Coimbra. Eis as suas palavras: «O Mondego, atravessado por uma grande ponte de pedra, serpeia junto ás faldas da montanha, cujo lado occidental é occupado pela cidade, que metade se apoia sobre o monte e metade se derrama pelo valle.



O grande convento de Santa Clara sobre a collina opposta, os conventos de Santa Ama, dos Bentos e dos Mariannos, um bello aqueducto, o palacio da Universidade, — tantos edificios grandes apinhados em um espaço tão limitado, e á roda as verdes planicies a que se chama o



1—A igreja de Sant'Iago, na Praça do Commercio
2—Restos da capella do Santissimo (estilo gotico) construida talvez na mesma epoca da construcção da Batalha, e porta lateral sul (estilo românico)



Fachada principal da igreja de Sant'Iago (occidental)

campo de Coimbra, atravessadas por alamedas repartidas em jardins onde o loureiro cresce livremente, — isto tudo dá á cidade e seus arredores um colorido tão poético, tão meridional, e tanto da idade-media, que o observador a cada passo julga-se transportado aos seculos passados.» E ainda hoje Coimbra conserva esse mesmo feitiço accentuado, com a sua artistica Santa Cruz, onde dormem os nossos primeiros reis; com a sua gothica Sé Velha, construida no seculo XII; com o seu

Arco de Almedina, resto das antigas fortificações; com os seus velhos palacios cheios de lendas, co-

mo aquelle palacio de Sub-Ripas, onde foi assassinada D. Maria Telles de Menezes; com todos os seus monumentos de outro tempo e os grandes edificios antiquados que pejam as suas ruas ingremes e estreitas e que a torre da Universidade domina.

Entre os edificios mais notaveis de Coimbra pela sua architectura e pela sua antiguidade destaca a igreja de Sant'Iago, da qual publicamos hoje uma serie de valiosas photographias. Sobre o valor d'esse precioso monumento, entendemos preferivel reproduzir a opiniao de um dos nossos mais operosos archeologos, o



pobre Borges de Figueiredo, tão prematuramente fallecido:

«A igreja de Sant'Iago foi edificada segundo todas as probabilidades, ou melhor, conforme n'ol-o indica o caracter da sua architectura, no seculo undecimo ou nos principios do immediato. N'aquella epoca empregava-se nas construcções religiosas do occidente o estylo romano-byzantino, e a igreja de que se trata conserva d'elle exemplares. Se não se sabe ao certo a data do começo da edificação, sabe-se todavia, pela affirmativa respeitavel do sabio diplomatico João Pedro Ribeiro, constar do Livro dos Aniversarios d'aquella igreja que fôra sagrada sob a designação de *basilica* no anno de 1206, aos 28 dias de agosto. E' de notar que a igreja esteve até 19 de março de 1183 sujeita á jurisdicção do arcebispo



de Compostella, data em que houve uma composição entre o arcebispo e o bispo de Coimbra D. Martinho, pela qual ficou pertencendo ao prelado conimbricense. De tudo isto se depreheende que a sacração da igreja em 1206 foi devida a alguma profanação que houvesse tido lugar, ou a alguma reparação ou mesmo reconstrucção, mórmente sabendo-se que em 1131 já ella existia, porque apparece como prior d'ella um tal D. Onorio. A igreja de tres naves, que exteriormente a illustrada junta de parochia mandou um dia cair com todo o cuidado, por causa da fealdade do escuro da pedra que mostrava ser muito velha, foi tambem no interior muito modificada, no seculo decimo oitavo, embelezaram-na com estuque...

[PHOTOGRAPHIAS OBSEQUIOSAMENTE
CEDIDAS PELO PHOTOGRAPHO
SR. JOSÉ GONÇALVES, DE COIMBRA]

1—Restos da abside e dos absidiolos
2—Interior da primitiva igreja e columnas
da porta da capella do Santissimo

FOTODOTERA



cional. Nenhum príncipe, nenhum grão-duque, nem sequer o famoso general Zeppelin, cuja popularidade na Alemanha eguala hoje a do chanceler de ferro, se é que não chega mesmo a excedel-a. D'esta vez era um estrangeiro como eu que assim attrahia a attenção das multidões; homem talvez mais intangível que o proprio imperador, porque vinha de certo mundo muito differente do nosso, como representante de outra civilização, de outros costumes e, sobretudo, de outras epochas. O meu visinho da direita explicou-me solicito que Raymond Duncan, o restaurador da civilização grega, ia, dentro de poucos momentos, passar deante de nós.

Propagandista cheio de fé, Duncan é das figuras mais populares dos grandes centros da Europa e da America. Conhecem-no os *pollicemen* da Regen-street tão bem como os *boulevardiers* da Avenida da Opera, e rara é a illustração ou o *magazine* que se não tenha occupado d'esta singular personagem. Irmão

Certo dia de inverno e de neve, já com luzes acesas, deparou-se-me, ao saltar do electrico, enorme grupo de curiosos agglomerados á porta de uma loja. A principio suppuz que ia surgir algum membro da familia imperial, porque ao povo de Berlim «dá-lhe o faro» das magestades onde quer que se encontrem. Qual! Ninguem me segredou discretamente a phrase magica: *der Kaiser konunt*, com que os bons patriotas preparam rapidamente as manifestações espontaneas.

Não era o perfil severo de Guilherme II que iam contemplar os meus olhos avidos de sensa-



1—Attitude academica (R. Duncan)

2—A representação de uma tragedia de Eurypides

da celebre dançarina dos pés nus, Isadora Duncan, aquella que pretendeu traduzir a musica dos grandes mestres usando tão sómente dos recursos da choreographia, o famoso californiano possui egualmente a bossa das coisas originaes e dos pensamentos amplos. A vida de Raymond forneceria basto material a romances do genero de Buffalo Bill; é como que a incarnação dos heroes de Cooper, apesar da sua apparencia tranquillisadora. Antigo jornalista, o seu feiito de aventureiro levou-o a privar um dia com os indios de Wild West, entre os quaes viveu largo tempo. Aprendeu com elles a pôr-se em contacto com a natureza, a respirar livremente o ar das florestas e dos campos, a confiar em si proprio e a crear a iniciativa pessoal. Foi n'essa epoca inolvidavel que amadureceu o mais grandioso de todos os projectos: nem mais nem menos que o de reformar a Humanidade inteira, destruindo preconceitos, arrazando idolos, semeando por toda a parte o germen da idéa nova, que, na sua opinião, revolucionará o mundo.

De repente, sazoadada a theoria que havia de tornar-o celebre, abandonou a vida nómada e surgiu nos grandes centros de civilisação. Milhares de pamphletos dispersos por toda a parte popularisaram a sua idéa, ao primeiro momento de surpresa succedeu um periodo de reflexão, e não tardou que os discipulos se agglomerassem em torno do mestre, abraçando-lhe os ideas e dilatando a propaganda.

É comtudo a policia nãose



1—Ao tear: a fabricação de vestuário: [madame Duncan e sua irmã, actriz parisiense]
2—A colina de Kopanas, vendo-se ao fundo o Hymetho.



inquietou nem se moveu. Em Londres procuraram-no anarchistas e revolucionarios, mas voltaram desilludidos: Duncan não era o seu homem. Em Berlim, acolheram-no com febril entusiasmo os vegetarianos e os regressivos, mas o propheta não se dirigia a qualquer seita formada, e resistiu heroicamente a todas as seducções. Duncan não era politico, nem fanatico, nem illuminado, era um original que descobrira esta coisa paradoxal e a vinha ensinar a toda a gente: a maneira de viver feliz.

Muito simplesmente: a felicidade, para Duncan, está na independencia absoluta do individuo dos outros individuos.

—Mas isso é o anarchismo! argumentaram algures.

—E' possivel, respondia placidamente Raymond. Ainda me não preoccupei com o nome a dar á minha idéa. Longe de fazer de cada homem um animal bravo, vivendo por si e para si, as sociedades evolucionarão até ao ponto em que todos tenham direitos eguaes a par de eguaes deveres...



E' longo de mais para ser traduzido aqui o pamphleto do americano. Não deixarei comtudo de resumir os principios que formam a base da sua obra.

Duncan parte da hypothese que o homem moderno trabalha dez vezes mais que o que seria preciso ás suas necessidades de corpo e de espirito. Cada qual pode construir a sua casa, tecer o seu vestuario, amanhoar o terreno que lhe dá o pão, e ainda lhe fica a maior parte do

—O socialismo! berraram os demócratas.
— Talvez, continuava sorrindo o heroe. Os homens mais cultivados e mais perfeitos hão de amar-se e comprehender-se melhor, desde que desapareçam todos os mal-entendidos que amarguram a vida moderna...

— Ah! temos o christianismo, ponderaram os philosophos.

Ideaes, ideaes, pensamentos enormes, apostolados! Nada mais que palavras. A paciencia do homem esgotou-se um bello dia. «Deixem-me» bradou furioso. «Não quero saber de philosophias, nem de theosophias, nem de seitas, nem de religiões. Se querem comprehender-me, muito bem, se não eu tratarei de viver feliz sem me importar que os outros o sejam...

E Raymond Duncan vive feliz no meio de vasta familia, tão feliz que não ha palavras para descrever aquelle extraordinario bem estar que elle soube preparar para si e para os que o acreditaram.

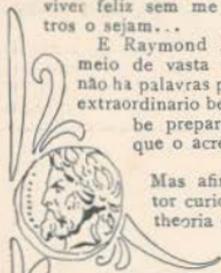
Mas afinal, perguntará o leitor curioso, em que consiste a theoria de Duncan?

tempo de sobra para alimentar o espirito e repossar o corpo.

Por outro lado, desde que o homem cuide de si proprio, desaparecem as noções de creado e de senhor, o espirito adquire noção mais perfeita de liberdade, confiança quasi illimitada no proprio individuo. E' esta a idéa fundamental de Duncan.

Mas como demonstrar que tão risonha theoria corresponde rigorosamente á pratica, como convencer o septicismo moderno da viabilidade da idéa? O seu fundador respondeu simplesmente executando-a. O melhor argumento são sempre os factos. Como americano dotado antes de tudo de senso pratico, Raymon'd Duncan entendeu que era inutil perder tempo em conferencias e dissertações. Tinha pressa de ser feliz. Percorreu de fugida os grandes centros cosmopolitas, disse a sua idéa e partiu. Quem quizesse, fosse atraz d'elle. Para onde? Para a terra promettida, para a colonia que se resolvera fundar a titulo de demonstração.

N'este sentido, adquirira do governo grego a conces-



1—A vida em familia; [Duncan e sua esposa sentados ao fundo, e no primeiro plano, de costas, o Menalkas]
2—A colina de Kopanas, vendo-se ao fundo a Acropole

são de um kilometro quadrado de terreno em Kopanas, proximo da capital da Grecia, n'um oiteiro que se ergue em frente da Acropole, á vista dos restos d'essa civilização doirada, que, tanto quanto possível, o emprehendedor americano ia resuscitar. A colonia baptisou-a com o nome de *Fotodotera* — que dá a luz, — e os trabalhos foram encetados sem mais delongas.

Vi o plano da cidade e fiquei maravilhado. Lá está um theatro ao ar livre, com os assentos dispostos em meia laranja, tal qual se vê nas ruínas gregas, uma bibliotheca, casa para banhos, habitações particulares. Deu-me vontade de partir tambem, e quanto antes, abandonando as luctas amargas da vida para vestir o imacion de pregas amplas e calçar a commoda sandalia de coiro.

Dinheiro é coisa que não existe em Fotodotera, nem se lhe nota a falta. Os colonos tecem o proprio vestuario, de simplicidade hellenica — Duncan calcula que duas ou tres semanas de trabalho ao tear chegam para vestir um homem durante a vida inteira —, lá estão as ovelhas que fornecem a lã e as pelles, as cabras que fornecem o leite, e que todos os dias um dos felizes habitantes da colonia conduz ao pasto nos contrafortes do Hymeto, lá está o terreno que produz espontaneamente a mais fina qualidade de espargos, e o recanto de horta que cada qual cultiva para si; o clima permite que se durma ao ar livre, sob o céu constellado da Grecia e em frente da immensidão do Archipelago.



Não resisto á tentação de traduzir alguns trechos da carta que um dos colonos d'ali enviou aos seus amigos e que mais eloquentemente dará ao leitor uma ideia da singular povoação:

«Estou aqui há pouco mais de duas semanas. Esta curta permanencia justifica decerto que me não dilate em considerações sobre a organização da colonia, etc. Esta encontra-se além d'isso em *statu nascende*, de modo que a critica rigorosa é por emquanto extemporanea.

«Vou contar-lhes comtudo como se passa um dia aqui, e para isso escolho, ao acaso, o dia de hontem.

«Levantei-me com os primeiros clarões da madrugada, e entreguei-me logo ao arroteamento da porção de terreno que me decidi cultivar. E' difficil descrever com que alegria intensa respiro durante este trabalho o ar sadio e puro das montanhas. Não me canso de contemplar a maravilha da paizagem que me rodeia. A colonia está situada no alto do oiteiro de Kopanas, com excellentes pontos de vista em todas as direcções. No oriente ergue-se a serra do Hymeto, e todos os dias, á hora do trabalho da manhã, saúdo o sol que se ergue por traz das mont-nhas. A essa hora tomo igualmente o meu banho de ar e de sol.

«Depois do trabalho matutino, voltei ao meu quarto, lavei-me summariamente e almocei. Em seguida plantei ainda um pouco, e occupi-me das minhas coisas particulares: arranjo do meu quarto, leitura, correspondencia, etc. As-

1—Uma cantora americana á porta da sua habitação na colonia

2—Um trecho dos muros de Fotodotera, em construcção



sim chegou o meio-dia, occupando-me durante a tarde com o trabalho das regas.

«Alguns colonos regressam, á boquinha da noite, do seu passeio quotidiano. Um d'elles traz alguma lenha que veio juntando pelo caminho, outro depõe no chão um sacco cheio de espargos e agrides. Começa-se a cozinhar alegremente a ceia ao ar livre. E' extremamente bello: o sol mergulha no mar como um disco de fogo provocando tonalidades indescriptiveis na atmospheria.—Já as chammas lambem a pánella que repousa sobre um tripé de ferro; estamos sentados em torno do fogo, e chegamos-lhe lenha quando precisa, até que, em pouco tempo, a ceia está prompta, e cada qual tira e come o que quer. Entretanto, o sol poz-se de todo, e a lua banha-nos com uma luz suave. A fogueira morre pouco a pouco. Não accendemos luz. Seria quebrar o encanto. A lua brilha cheia de claridade, o céu é eternamente bello. O correio acaba de trazer uma carta para Duncan. Faz-se a leitura, tranquillamente, ao luar: são amigos novos, que annunciam a sua vinda.

«Conversamos ainda todos durante algum tempo, até que começa a dar-nos o somno. Contemplamos ainda uma vez o mar, e o porto, lá abaixo, cheio de luzes. A Acropole, que possui o extraordinario segredo de parecer sempre bella, as innumeraveis collinas, os vales, e a serra, ao fundo, tudo parece adormecer no mesmo somno magnetico. De repente, começam a cantar os rouxinoes. A espaços, ouve-se ainda o ladrar longinquo dos cães de guarda, ou a sereia dos vapores

que entram tardios no Pireu—e nós adormecemos ao ar livre, sob o manto constellado do céu hellenico.»

Da visita que fiz a Duncan, quando da sua estada em Berlim, conservei a impressão de que, apesar do seu temperamento de homem pratico, ha n'elle muito mais de poeta e de artista, que de philosopho.

Tem a apparencia de um homem de trinta e cinco annos, de estatura inferior á mediana, e veste simplesmente como um contemporaneo de Platão. Foi assim, de sandalias e braços nus, a cabeça descoberta, que o vi pela primeira vez n'aquella tarde de inverno e de neve, affrontando o frio que me obrigava a aconchegar febrilmente a pelissa em torno do peçoço.

Em duas phrases ficámos conhecidos. Elle pediu-me que o acompanhasse a casa, onde ia contar-me os seus projectos, mostrar-me documentos interessantes, photographias de Fotodotera e planos de futuras construcções. Nunca imaginei que se pudesse descrever em tão pouco tempo a fundação de uma cidade. Veiu abrir-nos a porta um alentado moçoão de tunica, que me cumprimentou na lingua de Homero.

No corredor em vão procurei um cabide, um prego ou uma simples cadeira em que pendurasse o sobretudo, e a minha atropalhão augmentou ainda ao entrar na sala, se é que pode chamar-se sala a um aposento que como unico movel possui uma *chaise longue* continua, ao longo da parede. Madame Duncan cumprimentou-me graciosamente, attendendo ao meu aspecto de leigo em coisas hellenicis, no mais correcto inglez.

Duncan mostrou-me o seu tear, o seu prelo, a sua officina de zincographia, e tudo me fez augmentar o espanto por aquelle homem de tão multiplas aptidões, que, para demonstrar o seu reconhecimento ao governo grego, lhe oferece uma edição monumental de todos os documentos hellenicis disseminados pelos principaes museus. Essa edição será distribuida pelas escolas publicas, e pelas reproduções que vi dos frescos existentes no Louvre, posso garantir



1—Interior da habitação de Duncan

em Fotodotera

2—Jogos olympicos, attitude de dançar]

que não consegue trabalhar mais artisticamente a melhor das lithographias de Barcelona. Todo o trabalho, desde o simples desenho ás mil particularidades technicas do *cliché* e da impressão, que é feita a côres, são obra de um só homem. E Duncan acrescentou sorrindo que executou aquella maravilha nas horas vagas.

E' com entusiasmo que me fala da arte grega. A architectura é a mais simples, a mais nobre e a mais bella. A pintura, se bem que convencionalista na perspectiva, tem todas as seducções do impressionismo. O theatro é a harmonia perfeita da poesia, da choreographia e da musica—e d'essa musica, da qual infelizmente raros fragmentos chegaram até nós, legou-nos Aristoteles a theoria completa. Não falemos da esculptura, que teve na Grecia a sua idade de ouro, nem das artes decorativas, onde ainda hoje vamos beber motivos para acudir á pobreza da nossa phantasia moderna.

Tudo isso vae renascer em Fotodotera, que é já a terra natal do filho de Duncan. O Menalkas—assim ouvi chamar ao pequeno—salta-me para os joelhos e desenvolve uma loquacidade de papagaio. Ai de mim! Não o entende a minha ignorancia, e apenas uma ou outra raiz conhecida da tecnologia medica leva a suspeitar que a criança fala grego—o que torna inutil toda a tagarellice, ainda que estivesse a contar-me as mais interessantes aventuras de Ulisses,



1.—Attitude academica. 2.—Um pedaço dos muros em construção da colonia do Fotodotera, no outeiro de Kopanas

ou a recitar-me a ode mais linda de Anacreonte.

A' porta de Fotodotera está escripto: «Tu, quem quer que sejas, sê bem vindo.»

Lá dentro é a liberdade, ampla e illimitada; e aquelle que chega, venha de onde vier, é entre irmãos que se encontra. Um critico de Berlim classificou a colonia de comunista-anarchista. Eu insisto na minha convicção de que Dnn-

can pretendeu realizar mais o ideal do artista que do sociologo. Assim, a obra deve ter defeitos, que nenhuma obra de arte está isenta d'elles, mas tem o condão de ser profundamente sympathica.

E' claro que, dadas as condições em que foi fundada, Fotodotera reúne em si a mais heterogenea sociedade que pode imaginar-se. Façam idéa: philosophos, artistas, banqueiros, operarios, todos vivem em commun na melhor das harmonias. Todos trabalham um pouco: o pouco

que precisam para sustentar-se. Nas horas vagas, que são quasi todas, representam-se tragedias antigas, organisam-se jogos olympicos, passa-se emfim o tempo da forma mais agradável e mais util.

Seria, comtudo, um phenomeno sem exemplo, se Duncan não tivesse adversarios nem a sua obra inimigos. Se uns o consideram um grande reformador, ha muitos para quem não passa de um charlatão. E' o eterno destino de todo aquelle que for coherente com um ideal.

Em Berlim lêram-se em publico algumas cartas de antigos membros da colonia, que contrastam terrivelmente com a poesia dos trechos traduzidos acima.

Muitos declaram que o terreno não produz e é difficil de arrotear, fazendo-se sentir além d'isso a falta d'agua. O clima, sem ser desfavoravel, é, comtudo, muito quente. Ha enormes difficuldades em arranjar de comer, de forma que, ás vezes, os colonos não deixam de passar fome. Os queixosos accrescentam que Duncan se dá fumaças de regulo e que pretende mandar em tudo.

Estas coisas não se confirmaram, mas, ao lê-las, é-se inclinado a meditar um pouco na aventura de Port-Tarascon.

Raymond Duncan convidou-me a ir, na minha qualidade de correspon-



dente da *Illustração Portuguesa*, visitar este anno Fotodotera, colhendo ao mesmo tempo a documentação grafica necessaria a um artigo sobre a sua obra reformadora.

A primavera está á porta, e logo que a occasião se proporcione, não deixarei de ir, de kodak a tiracollo, anotar pessoalmente as minhas impressões.

Assim, partindo da hyper-moderna cosmopolis na direcção do sul, teremos nós, o leitor e eu, occasião de realizar aquella singular phantasia de Wells, que na «Machina de

explorar o tempo» se transportava a seu bel-prazer atravez das edades, assistindo em poucos minutos ao florescer de duas civilisações tão diferentes como as que separam mil annos na Historia.

Berlim, fevereiro de 1909.

HERMANO NEVES.

Nota da redacção

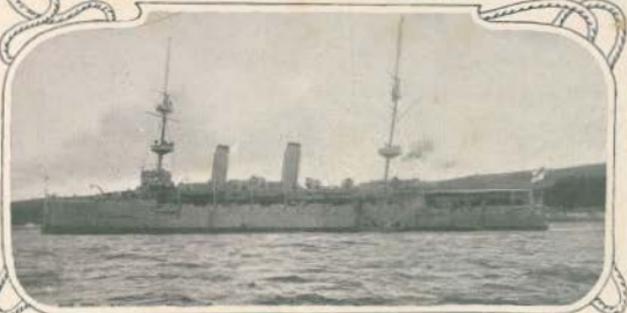
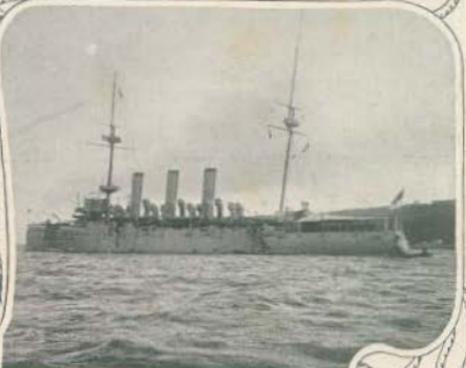
A gloriosa Hellade renasce n'estes tempos de genio e de costumes tão dissimilhanes, e renasce exactamente sobre um moderno outeiro grego fronteiro á divina Acropole. A imaginação poetica de um homem, possuidor ao mesmo tempo de uma tenacidade de apóstolo, conseguiu realizar tal milagre de belleza esthetica e moral, creando essa curiosa comunidade de Fotodotera,

que os leitores acabam de ver descripta pelo nosso distincto collaborador. N'uma epoca de funda banalidade como aquella que atravessamos, a tentativa de Raymond Duncan offerece, na realidade, um excepcional sabor de originalidade. E que pena sentirão tantos de não poder ir viver para Kopanas!



1—Menalkas, o filho de Raymond Duncan
2—Ruínas de um templo

NAVIOS INGLEZES NO TEJO EL-REI A BORDO



No Posto de Desinfecção:

1—O desembarque de El-Rei, no regresso do almoço

2—El-Rei, com os ministros dos estrangeiros e da marinha, D. Fernando de Serpa e marquez do Fayal

3—O cruzador *Arrigant*, a bordo do qual se realizou o almoço offerecido a El-Rei

4—O cruzador *Venus*

(Clichés de BENOISTE).

A NOVE

A REVISTA DO THEATRO AVENIDA



- 1—Julia Paredes (*Pota*)
- 2—Flora Dyson (*Pombo*)
- 3—Marietta (*A patá*)
- 4—Alvaro Cabral (*Umicultor*)
- 5—Assenda d'Oliveira (*O Anco*)
- 6—Carolina Baptista (*A arte*)
- 7—Assenda d'Oliveira (*A monarchica*)

A nova revista de Sousa Bastos, um dos mais antigos e persistentes cultivadores do genero, foi posta no theatro Avenida com um appa-

rato de scenario e luxo de guarda roupa que não são habitualmente usados na representação de taes peças. A empresa esmerou-se n'este sentido com especial empenho, e con-



1—Julia Paredes (*As pernas*) e Izabel Costa (*O Mundo*)
 2—Marietta (*A musa da historia*)
 3—Julia Paredes (*Europa*)
 4—Dalila, Pepita d'Almeida e Flicca Dyson (*Pa. esperanca, caridade*)

5—Helena Silva (*Gafanhoto*) Santos Mello (*22 passos*) e Pepita d'Almeida (*Gafanhoto*)
 6—Santos Mello (*A Favela*)
 (Clichés da PHOTO. VASQUES)

seguiu assim dar á revista *A nove* um valioso attractivo, que bastante tem servido para lhe conquistar o favor publico.

As revistas são, como se sabe, obras theatraes que vivem pelas suas referencias mordazes e pela sua critica acerba da politica e dos aconte-

cimentos, tendo algumas alcançado, por esse meio, duradouro successo. Esta conta ainda a seu favor, como já dissémos, um scenario deslumbrante, verdadeiramente sem precedentes, e os ricos-vestuarios de magnifica phantasia e do mais aprimorado bom gosto.



UMA CAÇADA AOS JAVARDOS

Em outros tempos as caçadas ao porco montez constituíam uma das mais habituaes diversões dos nossos amadores cyneticos. Hoje o javardo vai desaparecendo no paiz, porque lhe vão faltando, por toda a parte, os fojos onde habitava. A civilisação vai extinguindo gradualmente os ultimos animaes bravos, que ainda



persistem, dando-nos assim a esperanza, em compensação, de que, mais cedo ou mais tarde, completará o seu triumpho, fazendo acabar tambem o homem bravo, que representa, na nossa epoca, ainda uma deplorable revivescencia de selvageria primitiva.

Já não se fazem monteadas ao javali. No proprio



Alentejo, onde actualmente se encontram os sitios mais habitados por estes animaes, já elles não abundam tambem. E os velhos porcos grandes e reaes, tão abundantes ainda ha uns vinte annos, são hoje exemplares bastante raros e que os caçado-



batida devia realizar-se nos Andréos, propriedade pertencente á familia Burgos, situada proximo a Malpica, no districto de Castello Branco. De Lisboa partiram no sabbado, em automovel, além do organisador da caçada, os srs. Augusto Ferreira Pinto Basto, Carlos Quintella (Farrobo) e dr. Luiz Crespo; e no domingo gordo principiou a montaria, em que tomaram parte tambem o sr. José Bur-



res mais pertinazes só excepcionalmente conseguem desencafuar e matar.

A interessante caçada ao javardo, de que publicamos n'este numero uma serie de curiosas photographias, é a prova flagrante do facto. Foi no ultimo carnaval que um grupo de amadores apaixonados, sob a direcção do sr. marquez do Fayal, organisou essa importante excursão venatoria. A





gos e outros amadores locais. Apareceram alguns animaes, poucos, e que não chegaram ao alcance das espingardas. Por esse motivo, os caçadores desceram, na segunda feira, até ao valle do Tejo, aonde chegam os limites da propriedade, e passaram em barcos para a coutada da Gandra, pertencente ao sr. marquez do Fayal, e situada já em Hespanha. Foi ahi que conseguiram ma-

tar o bello porco que uma das nossas photographias representa.

Os dois dias da caçada correram bastante animados, regressando os caçadores a Lisboa na terça feira. E, apesar do escasso resultado da monteeda não pôde deixar de registar-se a caçada dos Andréos e da Gandra como uma das mais importantes excurções venatorias que se tem realisado.



As photographias comprehendidas n'esta pagina representam varios episodios da passagem do Tejo para a caçada de segunda-feira na Gandra.

(Clichés de BENOIRTEL).

O MONUMENTO DE FLORIANO PEIXOTO, NO RIO DE JANEIRO. — O escultor brasileiro sr. Eduardo de Sá, que tem o seu atelier na rue Ellé, em Paris, proximo dos Invalidos, está concluindo o admiravel monumento levantado á memoria do marechal Floriano Peixoto, que será inaugurado em breve na Avenida Central do Rio de Janeiro, proximo do Theatro Municipal.

E' uma obra inspirada pelas theorias estheticas da escola positivista, de que o escultor Eduardo de Sá é um sincero apostolo.

Vemos na base quadrangular o grupo idealizando o contacto da raça branca com a raça aborigene, o episodio do *Caramuru* e o grupo recordando o concurso da raça escravizada. Na retaguarda: o grupo do *8 Juca Pima* e o do padre Anchieta. A figura da Mulher symbolisa o amor affirmando o espaço.

No alto o grupo principal compõe-se do marechal Floriano Peixoto, que defende as tradições politicas brasileiras representadas pelo Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant. Uma figura de mulher aponta o futuro, que é

CONSAGRAÇÕES · BRAZILEIRAS OS · HOMENS DA · REPUBLICA



o desenvolvimento do Brazil sob o regimen republicano federalista.

A obra de Eduardo Sá tem sido muito admirada em Paris.



MEDALHÃO DO DR. RODOLPHO DE MIRANDA. — E' uma obra do escultor Jean Descomps que obteve a segunda medalha no *salon* com a *Mimi Pinson* e que é o auctor dos monumentos de Paul de Kock e de Floquet, inaugurado ha dias em Paris.

O dr. Rodolpho de Miranda, republicano historico, membro da Constituinte e hoje deputado federal pelo Estado de S. Paulo, no Congresso, possui na capital paulista um dos mais bellos palacios e é um dos mais importantes industriaes do Brazil. O seu medalhão vae figurar no proximo *salon* de Bellas Artes de Paris.

1—O monumento ao marechal Floriano Peixoto que vae ser inaugurado na Avenida Central do Rio de Janeiro, obra do escultor brasileiro Eduardo de Sá, que actualmente se encontra em Paris.

2—O medalhão em marmore do deputado federal brasileiro eleito por S. Paulo, dr. Rodolpho Miranda, obra do escultor francez Jean Descomps, auctor do monumento de Floquet.

OS DOIS NOVOS ACADEMICOS DA ACADEMIA REAL DAS BELLAS ARTES DE LISBOA.—

A *Ilustração Portuguesa* reproduz hoje n'esta sua pagina os retratos do sr. bispo conde de Coimbra e do sr. conde de Penha Longa, ambos nomeados ultimamente por aclamação socios honorarios da nossa Academia de Bellas Artes.

O sr. D. Manuel, o illustre prelado conimbricense, foi quem promoveu a restauração



da Sé Velha, cujo encargo foi confiado, como se sabe, ao distincto professor Antonio Augusto Gonçalves, e quem organisou o museu de arte religiosa e creou tambem no seminario uma cadeira de arte religiosa, que é actualmente regida pelo brilhante poeta Eugenio de Castro.

O sr. conde dos Olivae e Penha Longa é um dos nossos mais notaveis e intelligentes colleccionadores, da raça illustre de Eugène Piot e do barão Davillier, aos quaes tanto deve a cultura artistica franceza. As suas collecções de medalhas, estampas, livros e objectos de arte referentes a Portugal ou executados por portuguezes são preciosas. A Academia deve-lhe tambem valiosos donativos, e entre estes a offerta de uma pintura a oleo, escola portugueza da segunda metade do seculo XVI, representando el-rei D. Sebastião.

(Cliché BOBONE).

